

**ESTUDANTES HISPANO FALANTES E SEU APRENDIZADO DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO: VICISSITUDES DA LINGUAGEM FORMAL E
INFORMAL**

**SPANISH-SPEAKING STUDENTS AND THEIR LEARNING OF BRAZILIAN
PORTUGUESE: VICISSITUDES OF THE FORMAL AND INFORMAL
LANGUAGE**

Estefanía Hincapié Aguirre¹

Universidade Federal de Mato Grosso

Flávia Girardo Botelho Borges²

Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo: As narrativas são um forte instrumento humano para compartilhar experiências e conhecimentos. Ao narrar suas experiências, os sujeitos revelam saberes, fragilidades, expectativas e aprendizagens. Partindo deste pressuposto, neste artigo, analisaremos o desenvolvimento da aprendizagem da língua portuguesa por estudantes hispano falantes, imersos no contexto brasileiro, situados entre dois tipos de linguagem: a linguagem formal ou acadêmica e a linguagem popular. Neste sentido, a análise estará baseada em um estudo de caso dentro do campo de estudos da Linguística Popular. Para conduzir esta pesquisa, uma questão foi estabelecida: que narrativas surgem quando os estudantes falam de suas experiências praticando o português brasileiro? Além disso, foi estabelecido um objetivo: descrever as narrativas contadas pelos estudantes. A amostra é composta por dois participantes que vivem no Brasil e estão realizando seu mestrado. Foi selecionada a entrevista semiestruturada como o instrumento de coleta de dados, baseada em perguntas sobre as experiências dos estudantes no aprendizado e na prática do português brasileiro. Os resultados das análises revelaram que os participantes da amostra aprendem a escrever e falar corretamente para entrar em uma vida acadêmica, não tanto em uma vida social, e que quando estão tendo uma conversa informal, ao encontrar essa linguagem popular brasileira, levam um pouco mais de tempo para eles compreenderem sentenças e decifrar o significado de algumas palavras. Em síntese, o estudo revelou que quando eles têm uma imersão social, tudo muda, porque aprendem dois tipos de linguagem, o jargão coloquial e a linguagem acadêmica.

Palavras-chave: linguística popular; aprendizagem de línguas; estudantes hispano falantes.

Abstract: Narratives are a strong human tool for sharing experiences and knowledge. By narrating their experiences, subjects reveal knowledge, weaknesses, expectations, and learning.

¹ Possui graduação em Licenciatura Básica com Ênfase em Inglês pela Universidad Distrital Francisco José de Caldas – Colômbia (2015). Atualmente é bolsista da CAPES PAEC OEA-GCUB e está realizando seu mestrado em Estudos de Linguagem na Linha de Linguística na Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: a.h.estefa@gmail.com.

² Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (1999) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (2005) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: flavia2b@gmail.com.

Based on this assumption, in this article we will analyze the development of Portuguese language learning by Spanish-speaking students immersed in the Brazilian context, situated between two types of language: formal or academic language and popular language. In this sense, the analysis will be based on a case study within the area of Folk Linguistics studies. To conduct this research, one question was established: What narratives emerge when students talk about their experiences practicing Brazilian Portuguese? As well as the question, one objective was posed: To describe the narratives told by students. The sample comprises two participants who live in Brazil and are pursuing a master's degree. The semi-structured interview was selected as a data collection instrument, based on questions about students' experiences learning and practicing Brazilian Portuguese. The data showed that, sample participants learn to write and speaking correctly to enter into an academic life, and not so much into a social life, and also that when they have an informal conversation, when they discover this popular Brazilian language, it takes them a little longer to understand sentences and decode the meaning of some words. In conclusion, the study revealed that when they have a social immersion, everything changes, because they learn two types of language, colloquial jargon, and academic language.

Key words: folk linguistics; language learning; Spanish-speaking students.

Introdução

Quando falamos sobre os estudantes hispano falantes aprendendo português brasileiro, temos a concepção de que eles podem aprender com muita facilidade essa língua, devido a algumas semelhanças entre o espanhol e o português, mas, a verdade é que eles têm algumas interferências do espanhol na aprendizagem do português dado que existem o que chamamos de palavras homofônicas. Além disso, eles têm que enfrentar dois tipos de linguagem: a linguagem acadêmica e a linguagem popular do Brasil. Neste sentido, os estudantes hispano-falantes que chegam ao Brasil para fazer pós-graduação têm que levar em conta diferentes aspectos para atingir proficiência linguística. De acordo com isto, nós podemos imaginar quantas experiências devem ter os estudantes praticando o português brasileiro, muitas boas, algumas nem tanto, mas, todas ajudam no processo de aprendizagem dos estudantes dando-lhes ferramentas para seguir aprendendo essa nova língua.

Para conduzir esta pesquisa, uma questão foi estabelecida: que narrativas surgem quando os estudantes falam de suas experiências praticando o português brasileiro? Além disso, foi estabelecido um objetivo: descrever as narrativas contadas pelos estudantes, histórias da aprendizagem da língua portuguesa.

O fator importante neste estudo são as narrativas, essas experiências que os estudantes contam que se transformam em histórias, neste caso orientadas à aprendizagem da língua portuguesa. Através das narrativas, os participantes expressam suas

experiências e emoções, refletem sobre os seus processos de aprendizagem, as suas práticas com a linguagem, e sobre a construção da sua identidade. Do mesmo modo, para Gomes (2020) as narrativas são um processo reflexivo no qual reconstruímos e construímos nossas realidades, as quais podem ser as nossas próprias realidades ou as de outras pessoas.

No contexto psicológico, é muito comum trabalhar sobre temas como as narrativas, principalmente quando se concentram em experiências de vida. Entretanto, no campo educacional e especialmente no campo linguístico, que é o que nós como professores de línguas temos que levar em conta, este tema não é explorado em profundidade e na verdade é um tema que deveria ter muito destaque, dado que, através das narrativas podemos encontrar grandes descobertas que podem ser úteis ao processo de ensino-aprendizagem de uma língua.

As narrativas são uma linguagem universal e por esse motivo é muito importante levá-las em conta no ensino-aprendizagem de uma língua, pois funcionam como uma forma de conhecer como os estudantes veem seu processo de aprendizagem. Através das suas narrativas os estudantes expressam seus pensamentos e emoções, e como eles enfrentam esses novos conhecimentos. Assim, se contribui a ter um melhor processo de aprendizagem, já que, favorece o processo de socialização, gera cultura e ajuda ao conhecimento dela. O entendimento de tudo o que está sendo aprendido torna ao estudante consciente da sua nova realidade e de como expressar o que sente. Além disso, contar uma história gera um avanço significativo em seu processo oral, dado que, o estudante implementa nas suas narrativas esse novo vocabulário aprendido.

Como docentes tendo presentes as narrativas, estamos dando sentido a tudo ao nosso redor, afinal somos todos feitos de histórias, todos temos algo a contar e todos estamos dispostos a ouvir o que os outros têm para dizer, e isto nos ajuda a interagir com o mundo, a conhecer tudo o que os estudantes têm para nos dizer e a ver de forma mais crítica os problemas de aprendizagem que podem surgir e a encontrar maneiras de resolvê-los.

Nesta ordem, os estudantes têm muito a dizer-nos, são eles que sabem como é o seu processo de aprendizagem, sabem quais são as suas dificuldades e destrezas com a língua, mostram-nos o mundo do ensino e aprendizagem a partir de outras perspectivas e mostram-nos com cada uma das suas narrativas que tudo tem um caminho viável, uma solução ou uma resposta, se prestarmos atenção aos problemas que eles possam ter. Gomes (2020, p. 11) pontua que: “Em se tratando de ensino e aprendizagem, todos temos

histórias marcantes, sejam de sucesso, sejam de fracasso. Narramos quando aprendemos; e aprendemos quando narramos.” Esse exemplo que ele dá para nós encaixa perfeitamente em todos os processos de ensino-aprendizagem. Nesse processo todas as pessoas têm histórias que nos marcam, algumas dessas histórias constroem a nossa identidade, e não somente as histórias de sucesso são as que nos constroem, também as de fracasso, porque delas aprendemos que não voltar a fazer.

Neste sentido, podemos dizer que como cada estudante é um mundo diferente e tem um processo de aprendizagem particular, eles enfrentam não apenas experiências positivas, mas também negativas e, ao ser essas experiências contadas, se abrem espaços para torná-las conhecidas e, assim, saber por que emoções passam e como eles percebem a nova língua que estão aprendendo.

As experiências que os estudantes nos contam, que depois se tornam histórias, são um recurso valioso para os professores ao ensinar uma língua, pois nos ajudam a melhorar e incentivar a produção da parte oral dos estudantes tendo uma exposição adequada à língua falada, para melhorar a fluência e compreensão auditiva da língua que está sendo aprendida e para saber como eles percebem a nova língua que estão aprendendo, suas emoções sobre a aprendizagem e possíveis problemas que possam eles ter. Neste sentido, é necessário aproveitar as narrativas e implementá-las nas nossas salas de aula.

Neste artigo, conheceremos as narrativas de duas estudantes hispano falantes que chegaram ao Brasil para fazer seu mestrado e analisaremos o seu desenvolvimento no processo de aprendizagem do português brasileiro, quais são as percepções e crenças que elas têm sobre a língua e como é a sua relação com a linguagem popular do Brasil. Esta pesquisa investiga e descreve as narrativas dessas duas alunas de mestrado dadas através de experiências pessoais aprendendo a língua, retratadas nas respostas que elas deram na entrevista. O objetivo final deste estudo é buscar respostas sobre como a aprendizagem do português brasileiro é desenvolvida a partir das experiências de vida dos estudantes hispano falantes.

Este artigo está estruturado em quatro partes: na primeira parte temos a introdução, na qual está contextualizado o estudo; na segunda parte, explicitamos o uso das narrativas como o fator importante da pesquisa; a terceira parte apresenta as narrativas das duas estudantes que participaram da pesquisa e a análise dos dados; e por último, na quarta parte, as considerações finais acerca do estudo.

1. Narrativas

A relevância de realizar este estudo reside no fato de que é necessário integrar as narrativas e as experiências de vida dos estudantes ao aprendizado de línguas. De acordo com Sahagoff (2015, p. 2): “Refletindo sobre educação, vemos a pesquisa narrativa como uma possibilidade de estudo interessante, pois educação e vida estão interligadas”. Deste modo, essa afirmação nos faz pensar que a educação não é possível sem as narrativas, pois elas fazem parte a uma da outra. Se nós como professores-pesquisadores que somos, fazemos uso das narrativas na educação, é possível conhecer os pensamentos dos estudantes e a visão que eles possuem sobre o mundo que os rodeia, além de conhecer seus gostos e aversões. Levando isto em consideração, os alunos poderão tanto empoderar-se sabendo que as suas narrativas são importantes e contribuir na sala de aula para aproveitar o vocabulário da língua que estão aprendendo, pois serão encorajados a usar as expressões que correspondem às suas narrativas.

Nas palavras de Paveau (2020, p.97):

Conforme É. Bautier (1995, p. 184), “as palavras parecem ter importância apenas na medida em que, para o aluno, traduzem melhor a sua experiência, o que ele quer dizer sobre ela. [...] A linguagem escrita, como a fala, é ‘feita para’; falar o ‘verdadeiro’, o que é, o que aconteceu”. Todos os professores de francês conseguem identificar essa “postura”, segundo É. Bautier, nos vários exercícios da disciplina, nomeadamente na leitura e na produção de textos narrativos. (PAVEAU, 2020, p. 97).

Sendo assim, se nota o poder das narrativas no processo de ensino-aprendizagem, dado que nas narrativas encontramos múltiplos elementos que nos falam de como as pessoas sentem diferentes aspectos do seu cotidiano, e neste caso em específico, o ponto de vista dos aprendizes hispano falantes frente ao aprendizado do português brasileiro.

Têm sido realizadas pesquisas que relacionam o campo da educação com a linguagem, as experiências de vida e as narrativas. Salva (2008), realizou uma pesquisa qualitativa, baseada em um estudo de caso descritivo, que apresenta reflexões sobre as diferentes narrativas de jovens mulheres, que vivem na periferia urbana de Porto Alegre, e os eventos vividos por elas no seu cotidiano. Destas vivências diárias, resultaram o retrato de narrativas ancoradas ao sistema patriarcal e histórias de vida intrincadas por causa de contextos complexos. Além disso, elas inventam vidas diferentes para escapar da realidade na que vivem. Tudo isto foi registrado nos seus diários pessoais, o qual a autora denominou como diários autobiográficos.

Segundo apresenta Salva (2008) no seu estudo, ela espera que os resultados da sua pesquisa possam contribuir para a educação “já que possibilitam conhecer a quem a

educação se destina, pois adentra em um universo pouco visível no espaço público, dando a conhecer os meandros da vida cotidiana...” (SALVA, 2008, p.7). Neste ponto, podemos ver como o uso das narrativas dá para nós um potencial, já que, podemos tomar todas essas narrativas, estudá-las e dar a conhecer todo isso que emerge dessas narrativas tendo em conta os diferentes aspectos de vida que são refletidos nessas histórias de vida que são contadas. Neste sentido, “a narrativa constitui-se no ato de contar e de revelar o modo pelo qual os sujeitos concebem e vivenciam o mundo” (SOUSA; CABRAL, 2015, p. 150).

As narrativas são parte das nossas vidas em todo momento. De acordo com Barcelos (2020), as narrativas “fazem parte da história da humanidade. Como seres humanos, somos contadores de histórias e narradores por natureza. São muitas as histórias que contamos o tempo todo” (BARCELOS, 2020, p. 19). Neste sentido, todos temos histórias sobre tudo e para tudo, assim pois, não podemos deixar de lado as narrativas na aprendizagem de uma língua, já que elas são um fator importante em todos os processos das nossas vidas incluindo o processo de aprendizagem de línguas.

Através das narrativas, conhecemos as experiências que os estudantes tiveram em seu processo de aprendizagem da língua, neste caso o português brasileiro. Quando as experiências de vida estão ligadas ao processo de aprendizagem de uma língua, não apenas nós como professores ganhamos ao saber quais medos, gostos ou situações eles passaram ao praticar a língua, mas também os alunos ganham, porque ao narrar as suas experiências, eles aprendem a linguagem cotidiana e o uso real do idioma, e isto é muito importante, uma vez que a interiorização do conhecimento da língua que está sendo aprendida depende das oportunidades que os alunos têm de usá-la em contextos e situações reais. Segundo Chaves (2000, p. 88-89): “A narrativa tem encontrado sua aplicação prática no campo da Educação, especialmente, em duas linhas. A primeira está relacionada ao conteúdo do ensino e a segunda à aplicação na pesquisa educacional.”

Neste sentido, através das narrativas, a relação professor-aluno é fomentada, ou seja, as experiências sobre o processo de aprendizagem e a prática do idioma que os alunos têm, contadas por eles, aproximam os professores às necessidades de aprendizagem dos alunos. Assim, ela contribui para saber quem são as pessoas que ensinamos, a fim de ensiná-las da maneira que necessitam, expondo-as ao contexto real da língua, neste caso, aproximando-as tanto da língua acadêmica quanto da língua popular.

Quando os estudantes contam as suas histórias, nestas narrativas, eles relatam suas experiências e transmitem o que pensam, o que sentem e o que compreendem sobre a língua que estão aprendendo e sobre o novo mundo ao seu redor. Para Barcelos (2020) os estudantes e professores de línguas contam uma infinidade de histórias sobre si mesmos, nas quais eles dão a conhecer como eles aprendem e ensinam. De acordo com esta afirmação, tendo as narrativas dos estudantes, se tem múltiplos elementos que são de ajuda para seu processo de aprendizagem. Segundo Barcelos (2020) conhecendo as narrativas dos estudantes, se tem oportunidades de ressignificar o processo de aprendizagem e de buscar as diferentes possibilidades que podem ser de ajuda. Se refletimos sobre isto, as narrativas são poderosas, elas não somente nos contam diferentes aspectos da vida das pessoas, mas também nos ajudam a encontrar aspectos que podem ser objetos de estudo para os quais encontramos soluções.

Assim, sendo as narrativas o nosso fator de importância é preciso falar de pesquisa *com* narrativas. Nesta pesquisa, este conceito é fundamental de definir, dado que são as narrativas de duas estudantes o nosso corpus de análise. A pesquisa *com* narrativas, “se refere à utilização de narrativas em pesquisas qualitativas como um dos instrumentos de coleta de dados” (BARCELOS, 2020, p. 24). E neste sentido, trabalhar com narrativas nas pesquisas é centrar a mirada diretamente nessas histórias que refletem por tudo o que as pessoas têm passado nas suas vidas, nos seus diferentes percursos e nos seus diferentes processos de aprendizagem.

Segundo Mello (2020, p. 49): “Quando escrevemos as nossas narrativas ou quando as compartilhamos com outras pessoas já estamos fazendo o movimento para fora (extrospectivo), num recontar já construído a partir de nosso entendimento das experiências vividas.” Poder saber tudo o que as pessoas pensam sobre um tema específico, analisar tudo o que elas falam e encontrar similitudes com as experiências de outras pessoas, é importante, já que, através de essas narrativas que eles fazem, podemos conhecer os distintos pontos de vista.

A modalidade das narrativas é apropriada para entender as ações dos outros porque todos nós vivemos narrativas em nossas vidas o tempo todo, no nosso cotidiano, e porque entendemos nossas próprias vidas em termos das narrativas que vivemos, dessas histórias que de alguma ou outra forma estão sempre presentes e aportam aprendizados significativos para nós, forjando o que somos.

2. Análise dos Dados: Narrativas de Estudantes que moram no Brasil

A análise foi feita levando em consideração a pergunta e objetivo apresentados na introdução: que narrativas surgem quando os estudantes falam de suas experiências praticando o português brasileiro? E descrever as narrativas contadas pelos estudantes.

Neste sentido, trata-se de uma pesquisa qualitativa e a análise estará baseada em um estudo de caso dentro do campo de estudos da Linguística Popular, dedicada ao estudo das crenças, percepções e opiniões que os falantes têm sobre as línguas em geral e a sua linguagem, as variedades que se tem da linguagem e a linguagem em uso, tal como é denominado por Paveau (2020), o saber espontâneo. A primeira proposta que se conhece sobre Linguística Popular ou *Folk Linguistics* se dá em uma apresentação de Henry Hoenigswald (1966) chamada “*A Proposal for the Study of Folk-Linguistics*”. Nas palavras de Murillo: “*La propuesta de Hoenigswald consistía en que en la descripción general de una lengua se tomaran en cuenta las opiniones de los hablantes, ya que tal información permitiría un acercamiento más exitoso a la variedad lingüística en estudio*” (MURILLO, 2008, p. 55).³

A amostra está composta por dois participantes que vivem no Brasil e estão realizando seu mestrado. Foi selecionada a entrevista semiestruturada como o instrumento de coleta de dados, baseada em perguntas sobre as experiências dos estudantes no aprendizado e na prática do português brasileiro.

Neste artigo, as perguntas foram elaboradas considerando-se que queríamos saber sobre as experiências que os estudantes tiveram em seu aprendizado do português brasileiro. Utilizamos a entrevista semiestruturada porque, neste caso, foi a melhor opção para obter as informações desejadas, já que algumas perguntas foram elaboradas, mas outras surgiram quando os estudantes expuseram as experiências que tiveram com a língua.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, os participantes foram selecionados pelo critério de tempo em que moram no Brasil, mais de dois anos. Foram selecionadas duas estudantes hispano-falantes, de dois países diferentes e que estão fazendo diferentes mestrados. As estudantes têm entre 24 e 28 anos de idade. Para realizar a análise dos dados, rotulamos nossas duas participantes com a letra P e números como pseudônimos desta forma: P1 e P2.

³ A proposta de Hoenigswald consistia em que na descrição geral de uma língua se levasse em conta as opiniões dos falantes, já que tais informações permitiriam uma abordagem mais bem sucedida da variedade linguística em estudo. (MURILLO, 2008, p. 55). Tradução dos autores.

2.1 Entrevistas

A continuação se apresentam as perguntas feitas pelos entrevistadores e as respostas das participantes. Esta entrevista semiestruturada, foi feita de forma escrita.

Entrevistadores: *Quando você chegou no Brasil, já tinha algum conhecimento sobre a língua?*

P1: *Sim, já tinha conhecimento sobre a língua. Eu fiz dois níveis básicos de português na Colômbia, além de isso, eu tive a oportunidade de viajar três vezes ao Brasil 2015, 2016 e 2018, antes de viajar para já começar a estudar.*

P2: *Não. Nunca tinha feito um curso para aprender português nem tinha tido contato com brasileiros, então não sabia nem o básico, como cumprimentar as pessoas.*

Aqui temos um contraste, porque uma participante já tinha conhecimento prévio da língua e a outra participante não. Sendo assim, podemos ver como desde o começo é diferente para ambas as pessoas, aqui pontuamos isso porque não é o mesmo chegar a um lugar tendo pelo menos conhecimentos básicos como a nossa primeira participante, a não ter nenhum contato com a língua do lugar o qual vai ser sua morada por dois anos no caso de mestrado, como é o caso delas.

Portanto, ao possuir conhecimentos básicos, a pessoa pode compreender o que ouve, mesmo que não completamente; com tudo, terá uma ideia do que escuta e poderá assim, responder à questão que lhe foi colocada. Caso contrário é quando a pessoa chega ao país desconhecendo a língua, já que, a pessoa pode sentir medo ao não entender, além de não saber responder.

Depois dessa primeira pergunta, as participantes contaram uma das suas primeiras experiências praticando o português brasileiro.

Entrevistadores: *Conte uma das suas primeiras experiências praticando o português.*

P1: *Tem sido muitas as experiências praticando o português, mas lembro muito de uma no Aeroporto de Guarulhos em São Paulo, isso foi no ano 2015 na minha primeira viagem, foi até engraçada. De volta para Bogotá a gente estava*

precisando o galpão da aero línea e aí a gente resolveu perguntar à moça de atenção ao usuário. A conversação foi assim:

-Eu falei: Oi, boa tarde. Você pode me ajudar.

-Moça: Oi, pois não.

Quando ela falou "pois não" eu fiquei chateada e fui embora, pois entendi que ela falou que não poderia me ajudar, dado o significado literal. Depois, meu irmão explicou para mim que "pois não" significava que sim, que ela podia me ajudar.

P2: *Quando cheguei conheci a pessoa que foi minha madrinha, mas ela tentava falar em espanhol para mim e apenas me ensinou algumas palavras. Mas a primeira vez que eu pratiquei minha fala foi na sala de aula, o primeiro que eu aprendi foi a me apresentar, eu escutava primeiro como o resto dos meus colegas se apresentavam, e tentava pegar algumas frases e anota-as no meu caderno. No entanto, geralmente quando chegava minha vez, mesmo tentando repetir muitas frases usadas por meus colegas, percebia no rosto do meu professor e as pessoas ao redor que elas faziam um esforço maior para me entender. Por um tempo, a reação das pessoas ao me ouvir me fez sentir muito inibida.*

Nestas narrativas temos diferentes perspectivas, no primeiro lugar, cada uma das participantes relatou o que aconteceu em um momento particular que tiveram que enfrentaram. P1 se enfrentou a um processo de desconhecimento da língua, já que, o termo “pois não” em português expressa a disponibilidade de fazer alguma coisa ou tomar alguma atitude. Enquanto na língua materna de P1, o espanhol, a definição dessa expressão corresponde a uma negativa de vontade ao pedido de assistência. Desta forma, podemos observar uma clara evidência da dificuldade de entendimento do português para um falante de espanhol, já que “pois não” tem um significado diferente em português, o qual é oposto em sentido no espanhol. Isso leva um pouco de tempo para assimilar, depois de muitas experiências linguísticas com essa e outras expressões.

No caso da P2, por muito tempo ela sentiu que não era entendida e por isso ficava muito inibida pela reação que as pessoas tinham quando ela tentava falar em português. Ela tentava copiar o que as pessoas diziam e soar o mais semelhante possível, mas, não era muito fácil para ela fazer isso e muito menos ao notar que as pessoas faziam gestos que ela não entendia.

Desse modo, as duas experiências não foram positivas, por um lado, a participante 1 se enfrentou ao desconhecimento da língua, embora, a participante 2 teve que encarar a impossibilidade de ser compreendida.

Entrevistadores: *Qual tem sido a parte mais difícil do aprendizado do português?*

P1: *Eu acho que aprender português não é difícil. Mas, desde a minha condição de hispano falante eu acho que poderia ter complexidade fonética, dada à proximidade de ambas as línguas.*

P2: *Possivelmente, o contraste entre a linguagem que eu escutava nas falas dos meus professores na sala de aula e aquele que ouvia nos churrascos com os vizinhos. Embora a linguagem acadêmica era bem pesada e as vezes até cansativa, no princípio, eu acho que o mais difícil tem sido entender o humor, as piadas, as brincadeiras. Até agora acho difícil de entender algumas piadas, principalmente quando as pessoas usam palavras bem próprias de uma região.*

Nesta parte temos algo muito interessante, já que, P1 fala que para ela não é difícil o aprendizado do português, mas ela acha que há uma complexidade fonética devido a essa proximidade que existe entre as línguas. Enquanto P2 fala que definitivamente há um contraste entre a linguagem acadêmica e a linguagem popular e que para ela, inclusive, ainda é difícil entender essa linguagem popular do Brasil, e ainda mais, quando usam palavras próprias de um lugar/região.

Realmente pelo que elas nos dizem, fica muito marcado que são duas formas de linguagem que se têm que enfrentar dentro da língua portuguesa e que por causa da proximidade do espanhol com o português, há algumas complexidades ao aprender a língua, neste caso particular falando da fonética.

Entrevistadores: *Quando você fala em português as pessoas sempre compreendem o que você diz para elas? ou você teve experiências em que as pessoas não compreenderam e se sentiu mal por isso?*

P1: *Normalmente a gente compreende quando falo, mas tenho experiências nas que não. E nisso tem que ver o sotaque, a contração de palavras e a velocidade quando se fala. E sim, teve experiências em que foi difícil conseguir a compreensão das pessoas e desagradável o jeito de ser delas.*

***P2:** Ultimamente muitos entendem e até fazem comentários positivos ao respeito ou perguntam de onde eu sou, pelo sotaque. Mas há pouco tempo acontecia muito que as pessoas pediam para mim repetir o que eu falava “não entendi”, nunca ninguém fez comentários ruins ao respeito, mas, mesmo assim me fazia sentir um pouco intimidada, com medo de falar. Tive até momentos nos quais depois de repetir duas vezes sem sucesso só ficava calada ou falava em espanhol. As vezes achava que meu português era tão ruim que era mais fácil para as pessoas me entender quando falava espanhol, mesmo.*

Estas duas narrativas das participantes mostram um contraste, uma delas diz que em geral as pessoas entendem quando ela fala, mas, ela tem e teve experiências nas quais as pessoas não a entendiam e que algumas vezes a atitude das pessoas para com ela foi desagradável. Neste sentido, ela tem tido tanto experiências positivas quanto negativas. A outra participante fala que recentemente as pessoas passaram a entender bem o que ela fala, mas que antes ela preferia ficar calada porque ninguém a entendia e para ela isso não era bom porque pensava que seu português era ruim, mas destas experiências negativas tentando praticar a língua, ela destaca que ninguém fez comentários ruins.

Nestas duas narrativas, temos um fator comum, o sotaque, o qual desempenha um papel importante na aprendizagem de uma língua, já que não é somente como se pronuncia uma palavra senão também o som delas quando se está falando.

***Entrevistadores:** Quando você tem uma conversa informal, você entende tudo o que a outra pessoa diz para você ou ainda tem problemas para compreender alguns significados?*

***P1:** Não, Brasil é um país enorme e multicultural, daí que, cada estado tem seu jeito de falar, ou seja, não é a mesma coisa falar com um cuiabano que com um mineiro. Nesse sentido, eu acho que depende muito da imersão cultural do aprendiz, se ele tem uma boa imersão com certeza conseguirá compreender completamente, mas, se não tem essa experiência pode que não consiga compreender uma parte da conversação. O pessoal brasileiro usa expressões próprias, e falo aqui dessa linguística popular, que só pode ser entendida no conhecimento cultural da sociedade brasileira.*

***P2:** Atualmente, eu consigo entender a maioria, até mesmo as piadas. Agora consigo entender algumas frases pelo contexto, mas sempre surgem palavras ou*

frases que eu não conheço na conversa, quando isso acontece então eu pergunto para eles o que isso significa.

Nas duas narrativas, as participantes falaram sobre a linguagem popular do Brasil, essas expressões próprias que os brasileiros têm e que para elas ainda é um pouco difícil de entender em algumas conversas. A participante 1, fala algo muito importante, a imersão cultural que o aprendiz tenha, se, o aprendiz tem pouca imersão cultural, como por exemplo aqueles que chegaram o ano passado com o começo da pandemia, é muito difícil de poder compreender essa linguagem popular, pois eles não tiveram nenhuma imersão social diferente às suas aulas *online*. Mas as pessoas que têm tido essa possibilidade de ter essa imersão cultural, são muito afortunadas, porque conhecem essa linguagem, essa linguagem que faz parte da riqueza cultural do Brasil.

As duas pessoas nas narrativas anteriores disseram que elas têm mais contato com a linguagem acadêmica, e falaram das diferenças com a linguagem popular do Brasil, por isso surgiu a seguinte pergunta.

Entrevistadores: *Você aprendeu um português mais acadêmico, como têm sido as experiências com o português popular do Brasil?*

P1: *Pois é, a gente está fazendo um processo acadêmico e é normal que o português que se aprenda seja um português acadêmico, porém, à sua vez a gente também está numa experiência cultural que vai se naturalizando na aprendizagem da língua. No entanto, as vezes é difícil ter uma conversação com pessoas diferentes da academia pela distância do português acadêmico ao português popular.*

P2: *Difícil, mas também muito mais grata, tenho curtido muito da experiência. Atualmente, adoro ouvir as pessoas falando com naturalidade, fazendo piadas, brincando com o resto, só se relacionando naturalmente. Mas no princípio, era incrivelmente difícil entender as pessoas na cotidianidade. Achava que falavam muito rápido, e geralmente quando alguém falava algo engraçado eu não entendia, então ficava muito confuso para mim, além disso eu sempre tinha medo de que as pessoas pensarem que eu era muito chata ou não achava engraçado nada do que elas estavam falando, mas na verdade era porque nem entendia.*

As duas participantes acham que é difícil na hora de ter conversas informais porque o uso da linguagem popular é distante dessa linguagem acadêmica que normalmente estão acostumadas a falar, mas também falaram que ao ter essa experiência cultural, isso vai se naturalizando e vão aprendendo muito mais.

Entrevistadores: *Como foi o processo de aprendizagem das palavras homofônicas? Um dos exemplos é a palavra esquisito, que no caso do português o significado é algo muito ruim, mas, em espanhol o significado é algo muito delicioso.*

P1: *É um processo engraçado porque vai ter uma maior facilidade de aprendizagem.*

P2: *Antes de vir para o Brasil, pesquisei alguns vídeos e me encontrei com muitas sugestões que faziam referência a palavras homofônicas. Posso dizer que isso me salvou de passar vergonha muitas vezes. Mas, mesmo assim aconteceu que usava palavras em espanhol que existem no português e achava que significavam o mesmo e não era assim, como “oficina” “explorar” ou até palavras como “graça” que eu achava que era gordura. Mas as pessoas sempre foram bem amáveis e dispostas para me perguntar o que era o que eu queria disser e para me explicar qual era a palavra certa.*

As duas participantes abordam o aprendizado e se relacionam com as palavras homofônicas de maneira diferente, enquanto para P1 o aprendizado é facilitado pelo humor que pode surgir do significado da palavra, ou seja, o ato engraçado está relacionado com o significado real do termo na nova língua que está sendo aprendida. Por outro lado, para P2 esta relação foi mediada pela interlíngua, uso de palavras em sua língua materna, mas que tinham um significado diferente em português, o que produziu uma interferência no canal de comunicação com os brasileiros, no entanto, ela destaca a disposição das pessoas para entender o que ela estava tentando expressar.

Entrevistadores: *Qual é a sua percepção sobre o português de acordo com a sua experiência de aprendizagem?*

P1: *Eu gosto muito do português e acho que tem uma aprendizagem fácil.*

P2: *O português é uma língua maravilhosa, tem muita expressividade, como o país é enorme, têm expressões variadas demais, sotaques muito diferentes, isso*

eu acho que faz a língua muito mais complexa de aprender, mas também faz que seja ainda mais fascinante.

Ambas as participantes falaram que gostam demais do português, uma delas falou que ela considera que o português é uma língua fácil de aprender e a outra participante falou que alguns fatores fazem que a língua seja um pouco complexa de aprender. Aqui podemos ver que tudo depende de onde se vejam as coisas, pois para uma o processo de aprendizagem foi mais fácil que para a outra, e é que tudo depende também da exposição que se tenha à língua.

Baseados na pergunta anterior surgiu a seguinte pergunta:

Entrevistadores: *Você considera que o português é fácil ou difícil de aprender? Sim ou Não, e por quê?*

P1: *É fácil para quem gosta, para quem não, vai ser difícil aprender.*

P2: *No sentido geral, eu acho que nenhuma língua é fácil de aprender, envolve um processo bastante devagar e requer de muita vontade de aprender mesmo. Com o caso específico do português não é fácil, primeiro porque tem muita variedade no mesmo país, e segundo porque geralmente poderíamos achar que a proximidade entre o espanhol e português fazem dela uma língua mais fácil de aprender, no entanto isso às vezes nos prejudica, porque como hispano-falantes nós sentimos muito mais cómodos de voltar para nossa língua no meio de uma conversa e sabemos que a outra pessoa, mesmo sendo luso falante, possivelmente vai entender. Mas se comparamos o português com uma língua extremamente diferente do espanhol como o russo, por exemplo, é lógico que eu vou achar que é muito mais fácil de aprender o português.*

Tendo estas duas respostas podemos confirmar que cada processo de aprendizagem é tão diferente e depende não somente da prática que se tenha senão da afinidade e da afetividade que se tenha com a língua. E de que tanta interferência da nossa língua materna possa ter no momento de aprendizagem da outra língua alvo.

Para finalizar a entrevista, precisamente se pergunta sobre a interferência da língua materna sobre a língua que está sendo aprendida, neste caso o português brasileiro.

Entrevistadores: *Você tem muita interferência do espanhol quando fala em português?*

P1: *Agora sim, pela questão da pandemia. O isolamento obriga a se fechar a um círculo de pessoas que normalmente são hispano falantes e não se tem esse espaço de interagir com os brasileiros e a sua cultura. Mas, antes da pandemia a gente tinha essa proximidade social que permite desenvolver uma melhora na aprendizagem da língua.*

P2: *Eu não diria que muita, mas definitivamente continua acontecendo comigo que no meio de uma conversa em português uso palavras em espanhol, e não apenas acontece com palavras, mas com o jeito de organizar as minhas ideias, que também varia entre ambas às línguas.*

As duas participantes concordam em dizer que não tem muita interferência do espanhol quando falam em português, mas, a participante 1, falou de uma coisa muito importante, a questão da pandemia, o isolamento para ela tem tido um impacto, porque já não tem muita interação com pessoas brasileiras senão que pelo contrário voltou a ficar mais com pessoas hispano falantes, o que faz que se tenha menos prática do português porque não se tem a necessidade de falar nessa língua. Para a outra participante é diferente no sentido que quase sempre com ela acontece que usa palavras em espanhol na maioria das suas conversas.

Considerações Finais

Este estudo procurou compartilhar as narrativas sobre a aprendizagem de uma língua que surgiram na entrevista com base nas experiências de vida. Os resultados mostraram que quando os estudantes narram suas experiências de vida, eles tendem a narrar não apenas suas experiências positivas, mas também as negativas, já que aprendem de tudo, e isso lhes dá mais motivação para continuar seu processo de aprendizagem. Essas narrativas são expressas por meio da linguagem. Como pontua Avendaño (2013) a língua está diretamente relacionada com as experiências. Neste sentido, as experiências vividas pelas pessoas nos falam em detalhe não somente de elementos particulares das suas vidas, senão também, neste caso dessa relação que eles têm com a língua que estão aprendendo e como eles se veem frente a essa língua, como eles a reconhecem e que

particularidades eles têm no momento de interagir com essa língua e cada um dos elementos que compõem a língua.

Os resultados das análises revelaram que os participantes da amostra aprendem a escrever e falar corretamente para entrar em uma vida acadêmica, não tanto em uma vida social, e que quando estão tendo uma conversa informal, ao encontrar essa linguagem popular brasileira, leva um pouco mais de tempo para eles compreender sentenças e decifrar o significado de algumas palavras. Além de se posicionar dentro dessa língua, tendo que adotar uma identidade diferente para lograr seu aprendizado.

Em síntese, o estudo revelou que quando os estudantes têm uma imersão social, se gera uma transformação, devido a que aprendem dois tipos de linguagem, o jargão coloquial e a linguagem acadêmica. O que para eles é uma vantagem muito importante, porque aprendem mais vocabulário e ganham prática com a língua, e entre mais prática, mais avance na aprendizagem eles têm.

Ao considerar pesquisas futuras baseadas neste estudo, os pesquisadores são aconselhados a trabalhar com amostras maiores para assim entender melhor as implicações completas do estudo. Para este estudo a amostra que foi selecionada foi a adequada para indagar sobre as experiências de vida como um meio de saber do ponto de vista dos alunos como é o processo de aprendizagem do português brasileiro como falantes nativos do espanhol.

Referências

AVENDAÑO, C. S. “Ticos auténticos... que no hablan español” ideologías sobre las lenguas minoritarias y la diversidad lingüística de costa rica. *Filología y Lingüística*. Costa Rica, 39 (2), ISSN: 0377-628X, p. 191-218, 2013. Disponível em: <http://www.kerwa.ucr.ac.cr/bitstream/handle/10669/14542/15096-27511-1-SM.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 20/02/2021.

BARCELOS, A. M. F. Compreendendo a pesquisa (de) narrativa. In: GOMES JUNIOR, R. C. (Org.). *Pesquisa narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 17-37.

CHAVES, I. M. A. A pesquisa narrativa: uma forma de evocar imagens da vida de professores. *Educação em Debate*. Vol. 1, N. 39, p. 86-93, 2000. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14445/1/2000_art_imchaves.pdf Acesso em: 15/02/2021.

GOMES JUNIOR, R. C. *Pesquisa narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

MELLO, D. Pesquisa narrativa e formação de professores. In: GOMES JUNIOR, R. C. (Org.). *Pesquisa narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 38-61.

MURILLO, C. V. J. Lingüística popular: El español de Costa Rica según los ticos y algunos centroamericanos residentes en el país. *Revista Internacional De Lingüística Iberoamericana*. Vol. 6, N. 1 (11), p. 55-99, 2008. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41678324?seq=1> Acesso em: 11/02/2021.

PAVEAU, Marie-Anne. *Linguística folk: uma introdução*. Organizado por Roberto Leiser Baronas, Tamires Cristina Bonani Conti e Julia Lourenço Costa. Araraquara: Letraria, 2020. Disponível em: <https://www.letraria.net/wp-content/uploads/2021/01/Linguistica-folk-uma-introducao-Letraria-VER-ONLINE.pdf> Acesso em: 22/02/2021.

SAHAGOFF, A. P. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. *XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação*, Porto Alegre, 2015. Disponível em: https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf Acesso em: 22/02/2021.

SALVA, Sueli. *Narrativas da vivência juvenil feminina: histórias e poéticas produzidas por jovens de periferia urbana de Porto Alegre*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14678/000661066.pdf?sequence=1&isAlloWed=y> Acesso em: 10/02/2021.

SOUSA, M. G. S.; CABRAL, C. L. O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. *Horizontes*. Vol. 33, N. 2, p. 149-158, jul.-dez. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/316718377_A_narrativa_como_opcao_metodologica_de_pesquisa_e_formacao_de_professores Acesso em: 01/02/2021.